

## A construção intelectual da “Região Sudoeste” (EUA): uma reflexão sobre a utilização do conceito de “área cultural” como ferramenta ideológica

Cássia Bars Hering (\*)

HENRING, C.B. *A construção intelectual da “Região Sudoeste” (EUA): uma reflexão sobre a utilização do conceito de “área cultural” como ferramenta ideológica.* R. Museu Arq. Etn., 25: 169-190, 2015.

**Resumo:** Propõe-se aqui uma discussão sobre a construção intelectual na arqueologia de um conceito que ficou conhecido como “Região Sudoeste” (EUA) – suas supostas fronteiras e suas principais características, que, a princípio, as diferenciariam de outras regiões (tal como a Mesoamérica, ao sul). Para tanto, considerou-se importante investigar o estabelecimento da concepção de “área cultural” – sua importância conceitual na antropologia e na arqueologia americana desde o início do século XX. No caso do estabelecimento das “fronteiras” da “área cultural Sudoeste”, nota-se que este foi permeado por crenças de tons preconceituosos, que, em suas muitas facetas de modo geral, consideraram a área como uma “exclusão” do que não era mesoamericano - ou como uma área na qual grupos supostamente “intelectualmente inferiores” habitaram.

**Palavras-chave:** Área Cultural, Arqueologia Americana, Região Sudoeste

“Ortodoxias, tão brilhantes de tantos anos trabalhadas, nos escapam dos dedos e caem pela malha da peneira como areia. Nós podemos trabalhar sem elas”.  
(Lekson 2012: 1, trad. nossa).

### Introdução

O conceito de “área cultural”, bastante em voga na antropologia no início do século XX, sugere a delimitação de regiões geográficas onde se encontram sociedades humanas que, apesar de suas particularidades, apresentariam certas características semelhantes que as distinguiriam de sociedades de outras áreas culturais. O estabelecimento de fronteiras geográficas seria necessário para tornar possível

uma melhor diferenciação entre áreas culturais vizinhas. Estas fronteiras geográficas seriam, portanto, e acima de tudo, “fronteiras culturais” (Wissler 1923, 1927; Kroeber 1931). Como comenta Kroeber,

“... o conceito de área cultural possui um crescimento empírico, quase inconsciente. Ele provavelmente começou, como nos diz Boas, com a classificação das coleções de museus de história natural e geografia, ao invés de ter se derivado de esquemas evolucionistas (...) Em 1917, Wissler codificou as áreas culturais dos nativos americanos (...) por meio da

\* Doutora em arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE USP).

agricultura, das artes têxteis, arquitetura, e etc.” (Kroeber 1931: 4, *trad. nossa*).

Podese dizer que o conceito de “área cultural” (também denominado de “provincia cultural” ou “área etnogeográfica” - Pauls 2014) foi moldado em uma época cujo pano de fundo, para os estudos em antropologia e arqueologia, era composto por ideias que valorizavam o difusionismo como fonte principal para a identificação das mudanças ocorridas em uma dada sociedade<sup>1</sup>. Crenças que valorizavam diferenças entre as supostas “raças” humanas se fortaleciam, bem como convicções baseadas nas diferentes “capacidades” de cada uma dessas “raças”. Trabalhos como os de Friedrich Ratzel, por exemplo, cuja obra teria sido consideravelmente influente em sua época, exaltavam o valor dos mecanismos de difusão, e procuravam provar que estes possibilitariam o estabelecimento de “blocos de culturas similares adjacentes umas as outras<sup>2</sup>” (Trigger 1989: 151, *trad. nossa*). Enquanto as ideias de Ratzel tornavam-se populares na Europa, na América do Norte destacava-se Franz Boas, o qual procurava valorizar o fator “único” de cada sociedade - que deveria ser compreendida em seus próprios termos. O “relativismo cultural” pregado por Boas, de modo geral, não buscava apoio em padrões universais para comparar os graus de desenvolvimento de diferentes grupos. Cada grupo humano era visto sob a ótica do particularismo histórico, sendo produto de uma trajetória específica de desenvolvimento, no qual os mecanismos de difusão tinham um papel fundamental (Trigger 1989: 152).

Boas e seus seguidores procuraram trazer o conceito de “área cultural” para as classificações

e exposições dos artefatos dentro dos museus, rejeitando o esquema expositivo baseado no ideal evolucionista europeu das “três idades<sup>3</sup>”. Um dos principais seguidores de Boas, Clark Wissler, teve um importante papel na consolidação do conceito de “áreas culturais”, porém o pesquisador desenvolve o tema seguindo novos caminhos. Wissler, antes assistente de Boas, assumiu a curadoria do American Museum of Natural History (AMNH) após a desistência do mesmo. O pesquisador procurou manter de certa forma os esquemas de organização propostos por Boas para o acervo, mas não acreditava totalmente no relativismo cultural como resposta definitiva para a compreensão das sociedades. Wissler buscou então “um método que seria aceitável para os particularistas e que também reinseriria as análises comparativas entre diferentes culturas, e a produção de afirmações moldadas como ‘leis gerais’ na antropologia” (Pauls 2014, s/p, *trad. nossa*). Sob essa ótica, Wissler constrói seu conceito de “idade-área”:

(Wissler) concorda que os elementos da cultura tinham uma tendência geral de se difundir igualmente em todas as direções de seu ponto de origem (...) os elementos portanto de maior distribuição poderiam ser os mais antigos (...) Wissler sentiu que essa distribuição era a base para a inferência de sua idade, e denominou esse conceito de “hipótese da idade-área”. Muito criticado por ser muito simplista, o conceito logo perdeu tradição acadêmica. O conceito de área cultural, como um todo, entretanto, permaneceu. (Pauls 2014, s/p, *trad. nossa*).

1 Como lembra Trigger (1989: 150), os problemas socioeconômicos que marcaram a década de 1880 na Europa Ocidental foram responsáveis, em grande parte, por uma mudança de paradigma nessas ciências - as novas gerações de intelectuais já não acreditavam mais nos benefícios do “progresso tecnológico”, e na capacidade universal humana de atingir esse progresso.

2 Ratzel, em sua obra “*A História da Humanidade*” (1885-1888) enfatizava a questão da “invenção única” - considerando que certos artefatos (tal como o arco e a flecha) poderiam ter sido inventados apenas uma vez, em um dado contexto específico, e então teriam sido difundidos para todas as demais sociedades que já os utilizaram ao redor do globo. O autor insistia na importância da verificação de todas as vias de possíveis

mecanismos de difusão, antes que se pudesse arriscar dizer que um artefato teria sido inventado em mais de uma área (Trigger 1989: 151, *trad. nossa*).

3 “Idade da pedra, bronze e ferro” - estabelecidas por Nicolas Mahudel (1734) como uma sequência cronológica válida (Trigger 1989: 60). O conceito foi posteriormente consolidado por Thompsen, na primeira metade do século XIX, como uma ferramenta analítica nas classificações em arqueologia (Trigger 1989: 73-79).

4 Segundo Moran (1994: 61-62), Kroeber a princípio acreditava que os seres humanos estavam totalmente subordinados ao seu meio cultural - desenvolvendo a partir daí seu conceito de “su-

Também segundo Wissler,

... o conceito de área cultural (...) tem sido utilizado principalmente por antropólogos, mas agora está recebendo bastante atenção de pesquisadores das áreas biológicas e sociais em geral. A escola americana de antropologia social acredita que existiam diferenças regionais na cultura material, e também no comportamento, e que a evolução social é em si regional. Isso nos leva a investigar (1) o problema ambiental na antropologia social; (2) a formulação de dados regionais em termos de similaridades tribais (3) a distribuição de traços culturais específicos, estudando-os um de cada vez, como é feito pelos arqueólogos. A arqueologia elimina os aspectos introspectivos e outros psicológicos da problemática cultural, mas dá a perspectiva temporal, um dos requisitos para a compreensão da evolução social (...) concluindo, nós vemos as áreas culturais como uma formulação que expressa o caráter regional do comportamento social humano (Wissler 1927: 891, trad. nossa).

Mais tarde, os trabalhos de Kroeber viriam a promover ainda mais o valor do conceito de “área cultural”<sup>4</sup>. Na publicação “*Cultural and Natural Areas of Native North America*” (1931), Kroeber mostrava seguir algumas ideias de Wissler, organizando dados sobre sistemas de subsistência, características de habitat e densidades demográficas, e comentando também sobre certos fatores ambientais deterministas.

perorgânico cultural” - o qual dita que em todas as sociedades o padrão cultural subordina os indivíduos, atuando como “agente de forças culturais inevitáveis”. Entretanto, mais tarde o autor passa a dar também valor a fatores ambientais deterministas nesta conjectura.

5 Nessa mesma publicação, Kroeber propôs divisões para a América do Norte e Central em áreas culturais, definido fronteiras para a região Sudoeste dos EUA, que incluíam áreas do atual Novo México, Arizona e o sul da Califórnia. As fronteiras ao sul, que fariam divisas com áreas mexicanas, foram descritas por Kroeber da seguinte forma: “a questão das fronteiras México-Sudoeste deve essencialmente ser deixada em aberto no momento presente” (Kroeber 1931: 32). A

Embora seja verdade que as culturas estejam enraizadas na natureza, e que portanto, nunca podem ser completamente compreendidas exceto com referências ao local natural nas quais elas ocorrem, elas não são mais produzidas pela natureza do que uma planta pode ser produzida ou causada pelo solo no qual está enraizada. As causas imediatas para o fenômeno cultural são outros fenômenos culturais (...) mas isso não impede o reconhecimento das relações entre a natureza e a cultura, tampouco a importância dessas relações para a compreensão total de uma cultura (...) a má interpretação da determinação das áreas culturais está em considerá-las um fim em si mesmas. O conceito de uma área cultural é um meio para um fim. O fim pode ser a compreensão dos processos culturais tais como são, ou dos eventos históricos de uma cultura (Kroeber 1931: 1, trad. nossa)<sup>5</sup>.

Já na década de 1950, a arqueologia e antropologia experimentam um ressurgimento do interesse por linhas de pensamento que valorizam a questão evolucionista. A tendência “neo-evolucionista”, entretanto, de modo geral difere da perspectiva evolucionista do século XIX e início do século XX, principalmente por não favorecer a criatividade humana, e pela crença na influência de aspectos deterministas no moldar das capacidades humanas (Trigger: 1989, p. 289). O conceito de “área cultural”, nesse contexto, permanece, porém sofre releituras de pesquisadores de destaque na época, como a do aluno de Kroeber, Julian Steward. Steward foi responsável pela edição da série “*Handbook of South American Indians*”<sup>6</sup>, a qual descreve detalhes das sociedades das supostas “áreas culturais” da América do Sul, em seis volumes<sup>7</sup>. Os volumes enfatizam aspectos

afirmação de Kroeber, realizada na década de 1930, soa atual, e ainda é debatida na arqueologia, como é comentado nesse presente artigo.

6 Promovida pelo Instituto Smithsonian, entre 1940 e 1947.

7 Embora com tons neo-evolucionistas, a obra ainda mantém a crença em certos aspectos difusionistas. “Segundo Roosevelt (1980), ao lado da ecologia cultural, o difusionismo não é de modo algum traço menor na história cultural de Steward, sendo mesmo um tema de integração. Desse modo, a explicação difusionista não se aplica somente às ‘anomalias culturais’ encontradas nas terras baixas, mas também às culturas bem definidas encontradas na floresta tropical” (Gomes 2002, p. 50).

como as famílias linguísticas; a região geográfica; aspectos ecológicos dessas regiões (deterministas); além da história e das tradições dessas sociedades. A edição de Steward traz a marca da “ecologia cultural”, e de sua teoria de “evolução cultural multilinear”<sup>8</sup>. O autor é conhecido também por sua ênfase em aspectos tecnológicos e econômicos em suas análises de sociedades humanas.

O “*Handbook of South American Indians*” foi mais tarde seguido pela publicação, também do Instituto Smithsonian, do “*Handbook of Middle American Indians*”, editado por Robert Wauchope<sup>9</sup>. Segundo Marcus, o volume IV dessa série, que esteve sob a responsabilidade de Gordon F. Ekholm e Gordon R. Willey, estava:

preocupado com as fronteiras da Mesoamérica e de suas áreas adjacentes (o Norte do México, o Sudoeste dos EUA, o Sudeste dos EUA, a América Central e o Caribe) e com os possíveis contatos e relações com o Equador, os Andes e o Pacífico (...). Embora pareça relativamente completo em termos de problemática significativa e tratamento descritivo das áreas relacionadas, ele foi criticado por falhar em distribuir as responsabilidades para assegurar uma cobertura apropriada; falhar em estabelecer descrições monográficas das áreas culturais e subáreas em uma perspectiva apropriada; falhar na discussão das relações entre as populações sedentárias e nômades do norte; falhar em não considerar propriamente o conceito de fronteiras das

civilizações; e por falhar não contrastando as situações das fronteiras ao norte (sedentários versus nômades) e também ao sul (Marcus 1978: 89; 93-94, *trad. nossa*).

É importante notar, nos comentários críticos feitos ao volume IV (citados por Marcus acima), a presença de uma forte preocupação entre os pesquisadores, na época da publicação do “*Handbook of Middle American Indians*”, em definir e delimitar a “área cultural” Mesoamérica sob uma ótica que preza a diferenciação clara de suas fronteiras, principalmente em relação às que demarcariam as terras à noroeste – aquelas habitadas pelos supostos “nômades” da região Sudoeste dos EUA.

Em 1978, surge ainda outra publicação, o “*Handbook of North American Indians*”, com a edição de William C. Sturtevant. Seus volumes podem ser divididos em dois grandes grupos: os que descrevem informações de conteúdo mais generalizado sobre a “grande área cultural América do Norte”<sup>10</sup>, e os que descrevem as subáreas ou “áreas culturais menores” dessa região<sup>11</sup>. As divisões dessas “áreas culturais” são ainda usuais, e podem ser observadas no mapa apresentado a seguir (fig.1)<sup>12</sup>.

O “*Handbook of North American Indians*” é descrito pelo próprio Instituto Smithsonian, ainda hoje, como:

uma enciclopédia que sumariza o conhecimento sobre os povos nativos ao norte da Mesoamérica, incluindo culturas, linguagens,

8 Julian Steward acreditava em uma linha de evolução “multilinear” (ao contrário de seu contemporâneo Leslie White, o qual acreditava na “evolução universal”, influenciado principalmente por Lewis Morgan). Segundo Moran (1994, p. 67 - 68), “ao contrário de Kroeber, que buscava uma teoria geral, em suas pesquisas Steward tinha por meta aquilo que chamou de uma teoria de médio alcance (...) delimitou uma série de fenômenos e procurou explicar as relações de causa e efeito entre eles (...) comparava também sociedades através do tempo e do espaço em busca de generalizações válidas acerca do comportamento humano. A abordagem de Steward, ficou conhecida como ‘ecologia cultural’ (...) e enfatiza o estudo de populações humanas dentro dos ecossistemas (...) Em resumo, a abordagem ecológico-cultural postula uma relação entre recursos ambientais, tecnologia de subsistência e o comportamento necessário para aplicar a tecnologia nos recursos do ambiente”.

9 Segundo a avaliação de Marcus em 1978, esse seria “o trabalho mais ambicioso em termos de tratamento de área cultural já produzido pelos antropólogos americanos (...) a série (...) segue claramente a tradição de (...) Steward, mas com certas extensões, modificações e melhorias. Ele ultrapassa seu predecessor em tamanho (16 volumes), em número de categorias, e em combinações de descrições detalhadas (...) regionais, temporais, e cobertura étnica, bem como na bibliografia” (Marcus 1978: 85, *trad. nossa*).

10 Entre eles os volumes: I - *Informações bibliográficas*; vol. II - *Os Índios na Sociedade Contemporânea*; vol. III - *O Meio Ambiente, as Origens e as Populações*; vol. IV - *A História das Relações “Branco-Índigenas”*; e vols. XVI e XVII - *Línguas*.

11 Tais como os volumes V - *O Ártico*; vol. VI - *O Subártico*; vol. VII - *A Costa Noroeste*; vol. VIII - *A Califórnia*; vols. IX e X - *O*



Fig. 1. Mapa com as subdivisões em “áreas culturais” da América do Norte<sup>13</sup>.

história, pré-história, e biologia humana. É uma referência padrão para o trabalho de antropólogos, historiadores, estudantes, e leitores em geral. Autoridades no assunto contribuíram para os capítulos de cada volume. Volumes relativos a cada área contêm capítulos separados para todas as tribos (Smithsonian Institute 2015, s/p., trad. nossa).

*Sudoeste*; vol. XI - *A Grande Bacia*; vol. XII - *O Planalto do Noroeste*; vol. XIII - *As Planícies*; vol. IV - *O Sudoeste*; e vol. XV - *O Nordeste*.

12 Cada uma das “áreas culturais” delimitadas para a América do Norte possui um volume próprio, com exceção da “área cultural” do Sudoeste, a qual possui dois volumes, divididos em grupos indígenas considerados como “Pueblo” e “Não - Pueblo”. Ambos os volumes foram editados por Alfonso Ortiz, um antropólogo cuja postura foi considerada bastante

Nota-se aqui, nesse texto oficial, publicado no próprio website da instituição em 2015, que foi considerado importante dizer que o “*Handbook of North American Indians*” trata de grupos indígenas “ao norte da Mesoamérica” – ou seja: foi considerado importante enfatizar que há uma fronteira entre essa “área cultural”, (uma área de “destaque”), e as demais

controversa, tanto na academia, como dentre os indígenas (visto que Ortiz publicou certas informações privilegiadas a respeito dos grupos Pueblo Tewa sem sua autorização). Sua postura de suposta “superioridade acadêmica” lhe rendeu inimizades dentre os informantes Pueblo, principalmente os mais idosos (Hall *apud* Johnson 1997, s/p).

13 Mapa modificado e traduzido pela autora, com base em mapa divulgado pela Maine Farmington University (2011).

áreas, descritas simplesmente como “aquelas ao norte”.

### O Sudoeste como uma “exclusão”: Áreas que não são mesoamericanas

Pode-se dizer que a construção do conceito “Sudoeste” está intimamente ligada à construção do conceito de “Mesoamérica” – mais precisamente, à construção de suas “fronteiras geográficas” – do que *não é Mesoamérica*. Paul Kirchhoff desenvolveu o conceito de Mesoamérica em 1943, influenciado pelas ideias de Wissler e Selser, fundamentado por “limites geográficos, composição étnica e características culturais na época da conquista” (Kirchhoff 1943: 94)<sup>14</sup>. O próprio Kirchhoff, em artigo de 1954, admitiu que, dentre os critérios que o levaram a considerar a Mesoamérica como área cultural, estariam os que ditam que:

as áreas culturais frequentemente coincidem com as áreas naturais, mas quanto mais avançada uma cultural regional é, mais apta ela está a vencer essas fronteiras (...); as culturas regionais são caracterizadas por (...) uma organização geral que em parte se deve, e em parte se desenvolveu ao redor de um específico item alimentar e produção de ferramentas (...); somente quando o tipo de produção e um número considerável de outros traços e complexos são encontrados juntos, é que um povo pode ser considerado parte de uma dada

área cultural (...); culturas regionais (...) não são somente teoricamente construídas, mas parte de uma realidade vivida antes de nós (...); nossa primeira tarefa analítica é localizar uma dada cultura individual em relação a seus vizinhos, dando a ela um lugar dentro da cultura regional a qual pertence (...); os termos cultura regional e área cultural devem ser compreendidos como se referindo a um fenômeno espacial e temporal limitado (...); a maioria das áreas culturais é subdividida em subáreas, como resultado de um desenvolvimento divergente entre seus membros (Kirchhoff 1954: 530, *trad. nossa*).

Em 1960 Kirchhoff fez uma revisão de seu trabalho de 1943, na qual elaborou ainda mais certos aspectos de seu conceito. Em suas palavras,

a publicação de 1943 foi uma tentativa de assinalar o que os povos e as culturas de uma determinada parte do continente americano tinham em comum, e o que as separava das demais. Para tanto, me impus a limitação de enumerar somente aqueles traços culturais que eram propriedade exclusiva desses povos, sem tentar fazer uma caracterização da totalidade de sua vida cultural. A aplicação rigorosa desse princípio fez com que eu não mencionasse no meu trabalho traços tão fundamentais e característicos da civilização mesoamericana, como a pirâmide, e tampouco foram

14 É necessário destacar, de qualquer modo, que antes do estabelecimento do conceito por Kirchhoff, os estudos americanistas em um primeiro momento, de modo geral, utilizavam-se do termo “América Média”, para referir-se a áreas que podem ser consideradas concomitantes em certo grau. Esse conceito em muito fundamentava-se em aspectos geológicos. Após o desenvolvimento do conceito de área cultural, entretanto, surgiram algumas primeiras tentativas de novas subdivisões para as áreas da América do Norte, como pode ser observado nos trabalhos de Wissler (1922) e Kroeber (1931) (como comentado na nota 6).

15 Em 1939 ocorreu a primeira reunião formal do Comitê Internacional para o Estudo das Distribuições Culturais da América. Na ocasião deste comitê, foram discutidas questões que tinham por objetivo criar parâmetros para o estabelecimento

de áreas culturais no continente americano. Tais ideias vieram a influenciar profundamente as construções teóricas de Kirchhoff.

16 A lista completa e detalhada dos elementos culturais considerados “mesoamericanos” pode ser lida em Kirchhoff (1960: 8-9).

17 Quanto às quadras de jogos de bola, Kirchhoff não nega sua existência em áreas do Sudoeste, porém acredita que sejam elementos “tipicamente mesoamericanos que as vezes se encontram fora da Mesoamérica (...) como em algumas tribos de fora da Mesoamérica, mas junto a suas fronteiras (como o jogo com bola de borracha entre alguns grupos caçadores coletores do norte do México), onde a difusão é inegável” (Kirchhoff 1960: 8).

analisadas a configuração e estruturação dessa civilização, que obviamente é mais do que a soma de suas partes (Kirchhoff 1960: 1, *trad. nossa*).

Nesta revisão, Kirchhoff manteve a divisão de elementos culturais em “três categorias”, como assinalado no Comitê Internacional para o Estudo das Distribuições Culturais da América, de 1939<sup>15</sup> (“elementos exclusivos de uma dada área”; “elementos que se encontrariam em uma ou mais áreas culturais do continente americano”; e “elementos ausentes em uma dada área cultural” (Alba 2000: 124). Os elementos culturais considerados “mesoamericanos” perfazem um total de 44, e são divididos em dez grupos relacionados à agricultura; à tecnologia e organização militar; às vestimentas e adornos pessoais; à arquitetura; aos registros escritos; aos sistemas de calendário; às celebrações e festas típicas e ao sistema de crenças e rituais religiosos, além de incluir certos hábitos ou costumes (como o de nomear pessoas de acordo com o dia de nascimento) e práticas de mercado (subdivididas em especialidades)<sup>16</sup>. É importante destacar, mesmo nesse primeiro momento, que muitos desses elementos considerados por Kirchhoff como “tipicamente mesoamericanos” são bastante discutíveis. Chama-se a atenção para itens como a presença de quadras de jogo de bola<sup>17</sup>; símbolos para números; anais históricos e mapas; e conceitos ligados a existência de vários mundos (inframundos e mundos superiores); entre outros, como sendo elementos que estão presentes em áreas do Sudoeste, e também

em outras áreas da América do Norte (como na região das Planícies e do Subártico)<sup>18</sup>.

Os elementos comuns à Mesoamérica e a outras “áreas culturais da América”, estariam presentes nas seguintes áreas determinadas por Kirchhoff (1960: 9- 11): no Sudoeste e no Sudeste da América do Norte; na área *Chibcha* (que corresponderia ao planalto central da Colômbia, e que segundo o autor, deveria ser considerada excluindo-se aqueles povos que teriam afinidades “culturais andinas”, como os Muisca); nos Andes; e na Amazônia (exclui-se da área tida como Amazônia o que Kirchhoff considerou como “*área Chibcha*”). Tais “elementos” também são de natureza discutível<sup>19</sup>. Algumas características, ou “elementos”, tão comuns na região Sudoeste, como a construção em adobe e em pedra, ou o uso de sandálias, foram considerados por Kirchhoff como “inexistentes” nessa área. O sacrifício humano também foi considerado como não praticado no Sudoeste<sup>20</sup>. Já dentre os elementos “ausentes na Mesoamérica” listados por Kirchhoff (1960: 12), estão por exemplo adornos específicos de orelhas (encontrados no Sudeste e na área *Chibcha*); clãs matrilineares (encontrados em todas as áreas listadas por Kirchhoff, menos na Mesoamérica e nos Andes); a presença de grupos caçadores-coletores (que o autor considerava serem comuns em áreas do Sudoeste e do Sudeste dos EUA); armas envenenadas (que estariam presentes no Sudoeste, na Amazônia e na área *Chibcha*); e o ato de beber os ossos moídos de parentes mortos (Amazônia e área *Chibcha*). Entretanto o próprio Kirchhoff

18 Em Bars Hering (2015), está exposta uma vasta discussão sobre a presença destes elementos em áreas da América do Norte de modo geral, com ênfase à Região Sudoeste.

19 Dentre esses elementos estariam por exemplo a cerâmica e o cultivo de itens específicos como abóbora, milho e feijão (presentes, segundo o autor, em todas essas áreas citadas acima); o sacrifício humano, o cultivo da batata, a zarabatana e as cabeças troféu (que estariam presentes em todas as áreas citadas acima, menos no Sudoeste); o canibalismo (que estaria presente em todas as áreas citadas acima, menos no Sudoeste e nos Andes); a “confissão” (presente no Sudeste, na Mesoamérica e nos Andes); sandálias e construções de pedra ou barro (que estariam presentes em todas as áreas citadas acima, menos no Sudoeste e na Amazônia); o cultivo do algodão (que não

estaria presente somente no Sudeste); terraços para cultivo, pontes suspensas, balsas feitas de abóboras (presentes na parte sul da Mesoamérica, na área *Chibcha* e nos Andes); cultivo de mandioca, pimenta, abacaxi, abacate, mamão, zapote e variedades de ameixa, presença de certas raças de cães; presença certas espécies de patos; escudos manufaturados com tecidos, metalurgia, lanças (presentes em todas as áreas citadas acima, menos no Sudeste e no Sudoeste); clãs do tipo *calupulli-ayllu*, tirar o coração dos homens vivos, jogar sangue de vítimas sacrificadas em santuários (somente na Mesoamérica e nos Andes); entre outros (Kirchoff 1960: 9-11).

20 Ver Bars Hering (2015: 228-232) para maiores detalhes sobre a questão da realização de sacrifícios humanos na Região Sudoeste.

admite que que tais elementos poderiam estar presentes em áreas mesoamericanas, representados por práticas de cunho similar, e em suas palavras, “mais evoluídas”.

Especialmente sugestivo é o caso do costume de beber os ossos moídos dos parentes mortos, o qual parece corresponder dentro da Mesoamérica a um costume que talvez possa ser interpretado como uma fase mais evoluída da prática, que teria tomado seu lugar: o costume de beber a água com a qual se banhou um parente morto (Kirchhoff 1960: 12, *trad. nossa*).

Kirchhoff considerou muito relevante estabelecer os limites geográficos da Mesoamérica, sendo que era tido que as fronteiras ao norte se distinguem das fronteiras ao sul por “apresentarem um grau maior de mobilidade e incerteza” (Kirchhoff *apud* Alba, 2000:121). Ao Norte, as fronteiras mesoamericanas colidiam com zonas de “cultivo inferior”<sup>21</sup> (região de Sinaloa e da Costa do Golfo), e sobretudo com grupos de caçadores-coletores. Este seria, na opinião do arqueólogo Alba Gonzales, um dos componentes do conceito que teria gerado mais polêmica entre os pesquisadores, especialmente nos últimos anos, com o avanço das descobertas arqueológicas no norte do México e no Sudoeste dos Estados Unidos. Segundo ele, estas “zonas de confluência” fronteiriças apresentariam traços culturais que tanto poderiam ser considerados como particularidades inerentes e exclusivas, como traços mesoamericanos (no sentido que Kirchhoff dá ao termo), o que dificultaria muito sua interpretação (Alba 2000: 121).

O entendimento das “fronteiras geográficas” da Mesoamérica pode variar de acordo com as crenças de cada pesquisador que se debruça sobre o assunto. De modo geral, entretanto, elas excluem áreas que pertencem aos atuais EUA. Algumas versões do mapa, como a fornecida pela FAMSI (Fundação

para o Avanço dos Estudos na Mesoamérica, 2014), incluem até mesmo, nessas fronteiras, o sítio arqueológico de Paquimé, considerado geralmente como parte da Região Sudoeste. Os limites da área tida como Mesoamérica pela FAMSI, nesse caso, parecem coincidir exatamente com as atuais fronteiras políticas dos dois países em questão.

Já de acordo com outros mapas, como o visualizado na figura 1, divulgado pela Universidade de Maine Farmington, os “limites” da Mesoamérica esbarram ao norte em linhas que procuram excluir a área que hoje engloba o sítio de Paquimé, pois esse seria um sítio pertencente à região de Casas Grandes, mais comumente definida como parte integrante da “área cultural Sudoeste”. Destaca-se aqui que Paquimé, um centro urbano de grandes proporções, está incluído em uma área que Kirchhoff definiu como sendo habitada por grupos de “cultivo inferior” e por caçadores coletores.

A discussão do conceito de Mesoamérica, bem como de suas supostas “fronteiras”, parece ter grande repercussão política dentre os países que estão hoje entre seus limites, principalmente no caso do México. Segundo Rodríguez García (2000), o termo “Mesoamérica” teria sido formado tendo como pano de fundo um ambiente político de forte caráter nacionalista, o qual propiciou seu uso ideológico, reforçando a onipotência do Estado Mexicano.

Com seu nascimento marcado por uma revolução social, a antropologia mexicana encontrou no governo populista de Lázaro Cárdenas um ambiente propício para oferecer razões científicas para as políticas de busca de identidade para a nação mexicana. Nesta busca, os antropólogos (...) centravam seus esforços ao redor da definição de um elemento aglutinante que criaria uma razão histórica para consolidar o direito da nação mexicana de emergir como um povo com desenvolvimento próprio (...) o Estado mexicano impôs então à sociedade o “direito” da apropriação de sua grande riqueza ancestral (Rodríguez-García 2000a: 47, *trad. nossa*).

21 Em oposição ao cultivo realizado pelos povos considerados de “alta cultura” da Mesoamérica (Alba 2000: 121).

Apropriações de caráter político do conceito de Mesoamérica acabaram por repercutir em intensos debates em meio à comunidade científica, que de certo modo ecoam até hoje. O Instituto Nacional de Antropologia e História do México (INAH), por exemplo, criou em 1997, o colóquio “*Mesoamérica, uma polêmica científica, um dilema histórico*”. Rodriguez García, um de seus fundadores, afirma que o artigo “*O Leviatã Arqueológico*”, de Vázquez Leon (1996), exerceu grande influência sobre os arqueólogos mexicanos na época de sua publicação, e incentivou a criação do colóquio. O texto de Vázquez Leon pode ser considerado uma análise sociológica sobre a arqueologia mexicana. Nele o conceito de Mesoamérica é relacionado com uma visão idealizada de um “México Antigo”, e tanto a arqueologia, como o Estado, estariam impregnados deste ideal de “passado glorioso” (Vázquez Leon 1996; Rodriguez-García 2000b). Debates mais recentes comprovam que o tema ainda permanece controverso. Em novembro de 2008, foi realizado o colóquio “*Caminhos da Antropologia: Histórias e Epistemologias*”, no qual estudiosos como Good, López-Austin e Millán, discutiram a “validade” da manutenção do conceito de Mesoamérica sob diferentes aspectos, incluindo questões que tratam da grande diversidade de tradições culturais classificadas como “mesoamericanas”.

Também no ano de 2008, López Aguilar discutiu esta questão na ocasião da “*XX Feira Nacional de Antropologia e Historia (FLAH)*”<sup>22</sup>. O pesquisador argumentou que o conceito ditado por Kirchoff tornou-se insustentável sob a ótica de uma antropologia que hoje dá espaço a outras abordagens, distantes tanto deste modelo de recorrência de certos “elementos culturais”, como do conceito de “complexidade social” proposto por Steward (1948). O conceito de Steward suportava, de certo modo, a ideia de uma suposta “superioridade mesoamericana”, tendo sido a área um berço para o desenvolvimento de “sociedades estatais”.

López Aguilar também ressaltou o problema de assumir a Mesoamérica como um “território”, e não como um conceito aberto à discussão, que poderia levar em consideração aspectos que não necessariamente estariam ligados a fatores geográficos. Segundo ele, a construção de um “mapa” foi considerada mais importante do que o próprio significado do termo.

Considerando-se esta perspectiva, pode-se dizer que a área da Mesoamérica seria, de certa forma, fundamentada e mantida nos dias atuais sob uma conotação geográfica permeada por ideais políticos, muito mais do que sob uma suposta uniformidade cultural capaz de diferenciá-la plenamente de outras sociedades vizinhas (López Aguilar 2000). Segundo Brotherston, que também já havia chamado a atenção para esta questão anteriormente,

no curso de quatro séculos, os habitantes originais das Américas (...) passaram a ser considerados um fator marginal, ou mesmo totalmente prescindível (...) o ataque inicial dos europeus sobre a América (...) se viu seguido por outra realidade mais complexa, constituída atualmente pelas diferentes nações da América Latina, Estados Unidos e Canadá (Brotherston 1992: 22, *trad. nossa*).

Um exemplo claro da importância da construção de um “mapa” que excluísse as terras pertencentes aos EUA é o caso da área tida como “Oeste do México” (também comumente chamada de “Ocidente do México” ou “região Noroeste”). A área é geralmente considerada como “dentro dos limites da Mesoamérica”, e inclui o oeste e o noroeste dos atuais limites do país, correspondendo aos estados de Michoacán, Colima, Jalisco, Nayarit, Sinaloa e parte de Guanajuato (Williams 2011). A região é tida como “polêmica” por muitos estudiosos, pois por vezes não apresenta em sua produção material elementos que poderiam ser considerados “claramente mesoamericanos”. Há tanto similaridades estilísticas impressionantes, como outras que podem parecer, em uma análise superficial, bastante diferenciadas. Williams (2011) apon-

22 A Feira Nacional de Antropologia e Historia (FLAH) é organizada desde 1988 pelo Instituto Nacional de Antropologia e História do México (INAH).

ta para o fato de que a área, desde o início, foi considerada ou como parte da Mesoamérica, ou como uma região que mantinha com ela muitas similaridades. De acordo com Clement Meighan (1974), muitos autores acreditavam que a região deveria ou não ser considerada como parte da Mesoamérica de acordo com o contexto de certos períodos. “Durante o milênio que precede a chegada dos espanhóis, o Oeste do México era uma variante regional da tradição Mesoamericana” (Meighan 1974: 1260, *trad. nossa*). Importantes pesquisadores no contexto dos estudos mesoamericanos, tais como López-Austin e López-Lujan (1996), incorporam essa área à sua região de pesquisa. Hoje, o “Oeste do México” é considerado, de modo geral, como uma área da “Mesoamérica redefinida” (Gorenstein 1996: 89).

Entretanto a região, como um todo, também guarda muitas similaridades com a região Sudoeste. Segundo McGuire (2011: 83-84), na década de 1950 e no início da década de 1960 houve a publicação de diversos estudos que tentaram definir a extensão da área tida como Sudoeste. Todos eles incluíram certas áreas do Oeste do México<sup>23</sup>. Jennings (1956: 116-117) e Reed (1964: 175), por exemplo, consideravam que o Sudoeste e áreas do Oeste do México tinham que ser tidas como uma só área cultural, que seria diferente das áreas da Mesoamérica central. Em 1971 Kelley define quatro áreas culturais menores para a região “noroeste” da Mesoamérica: Chalchihuites; o Vale de Malpaso (com a “fortaleza” de La Quemada como centro principal); os sítios ao longo da parte sul do estado de Zacatecas, relativos à área Bolanos (Juchipila-Bolafios); e uma área cultural que se estendia ao norte de Chalchihuites até a fronteira Durango/

Chihuahua, descrita como uma “aberração” e “submesoamericana”, refletindo a mistura de formas arquiteturais supostamente mais simples e elementos semelhantes a expressão cultural Chalchihuites. Elementos de sociedades como da Região Sudoeste, como Mogollon e Hohokan, também estariam presentes nestas áreas (Neill 1998: 23).

Como apontado anteriormente, a FAMSI (Fundação para os Avanços dos Estudos da Mesoamérica, 2014), considerou o sítio de Paquimé como parte desta “subárea mesoamericana”, além de a denominá-la de “Noroeste”. Já Williams (2011) aponta a área como um importante corredor de troca de ideias e bens materiais, entre a região do Sudoeste e outras regiões mesoamericanas. Brotherston vai mais além, e sugere que o Sudoeste como um todo seja chamado de “Noroeste”, ou seja, parte da Mesoamérica (Brotherston 2012). De acordo com Lekson (2010), o termo “Noroeste/Sudoeste” poderia traduzir uma “correção” moderna<sup>24</sup>. Por vezes a palavra “chichimeca” (o termo nahuatl para as terras ao norte da Mesoamérica) é também utilizada, embora englobe significados muito complexos, pois se refere tanto às áreas geográficas, como aos povos que habitavam estas áreas<sup>25</sup>. Riley propôs o termo “Grande Sudoeste” ou “Sudoeste Maior<sup>26</sup>”, em uma tentativa de englobar na área o Sudoeste de “toda a América do Norte”, buscando uma alternativa mais neutra (Riley 2005: 6). Como lembra Lekson,

definir a região Sudoeste é complicado, pois a história dos povos nativos transcende as fronteiras políticas modernas (...) de fato, nome “Sudoeste” é errôneo. O que nós chamamos de sudoeste dos Esta-

23 Autores como Jennings (1956), Reed (1964), Haury (1962) e Willey (1966), por exemplo – cada um com sua ideia própria de extensão de área a ser considerada.

24 O mesmo termo é utilizado por Searcy (2010), que ao se referir a região usa as siglas “SW/NW” (em inglês)

25 De acordo com Di Peso (1974: 48), por exemplo, a área tida como “Grande Chichimeca” incluiria “uma porção do

hemisfério oeste, que possui como fronteira ao leste a barreira natural do Golfo do México- longitude 97° oeste; a oeste pelo Oceano Pacífico-, latitude 23°27' norte; e ao norte - 38° de latitude norte” (*trad. nossa*).

26 “Greater Southwest”. O autor afirma que o termo não foi bem recebido por arqueólogos mexicanos, que o acusaram de utilizar um termo em inglês propositalmente para toda a região, o que atestaria supostamente uma visão anglo-americana-

dos Unidos é de fato a fronteira noroeste da antiga Mesoamérica, e foi também por um tempo (...) o norte do México (Lekson 2010: 14, *trad. nossa*).

### Sobre as delimitações geográficas para a região Sudoeste

Assim como no caso da Mesoamérica, o estabelecimento das fronteiras do Sudoeste, esta “área cultural marginal”, pode ser bastante variável de acordo com as crenças e postulados admitidos por cada pesquisador (Lekson 2010: 13-14). Ressalta-se, no caso, a dificuldade na aplicação do conceito, para uma região na qual tantos “traços culturais” podem ser considerados tão semelhantes aos das “áreas culturais vizinhas”. Também devem ser destacados os “efeitos colaterais” das barreiras políticas construídas entre os Estados Unidos e o México.

Ao “redor” da região Sudoeste, estão estabelecidas, além da Mesoamérica ao sul, também as regiões tidas como “Grande Bacia” (ao norte), “Planícies” (a oeste), e “Califórnia” (a leste)<sup>27</sup>. As áreas culturais da América do Norte foram delineadas, a princípio, com base nos trabalhos de Wissler (1922) e mais tarde de Kroeber (1931). Wissler delimitou a região Sudoeste agrupando sociedades Pueblo (assentadas), com outras sociedades nômades, como os Apache. As sociedades Pueblo, entretanto, passaram a ser o “modelo” que determinava o que era “do Sudoeste”, cuja característica mais notável era a agricultura e as expressões arquitetônicas. Já para a área das Planícies, por exemplo, foi utilizado como principal critério o sistema de organização social denominado

como “bandos” (outra generalização, já que alguns dos colegas de Wissler chegaram a afirmar que apenas metade de suas “tribos” poderiam ser classificadas como “bandos” (Woods 1934: 520). Embora tão problemáticas quanto às fronteiras da Mesoamérica com o Sudoeste, de modo geral, a arqueologia acabou por se acomodar dentre estas linhas tênues, e de certa forma mantém, ao menos a grosso modo, as divisões de Wissler. Como comentado, estas linhas divisórias são estendidas ou diminuídas conforme o posicionamento dos pesquisadores.

Na visão de Lekson (2010, p.14-15) por exemplo, seria possível utilizar uma “delimitação<sup>28</sup>” assumidamente arbitrária, apenas com a finalidade de facilitar as análises propostas. Tal “delimitação” deve ser pautada com o intuito de não se deixar influenciar pela escolha de “traços culturais” específicos, e sendo assim, os “limites” da área para o pesquisador foram estabelecidos apenas com base em feições geográficas. Sob sua visão, a região teria como “fronteira” norte as Montanhas Rochosas e a Sierra Madre; a leste o Rio Pecos; e a oeste o rio Colorado. Ao Sul estaria uma “fronteira fluída”, nas planícies desérticas de Chihuahua e Sonora<sup>29</sup>. Sua área total englobaria, portanto, territórios que se estendem desde os atuais estados do Arizona, Utah, Colorado e Novo México (nos Estados Unidos), até os estados de Chihuahua e Sonora (no México). De qualquer modo, Lekson procura deixar claro que “a extensão social do antigo Sudoeste se expandia muito além destes limites (...) que representam o coração de suas civilizações” (Lekson 2010: 15).

Neste contexto, há inúmeros corredores naturais que facilitaram, acredita-se, os conta-

na preconceituosa. O autor nega que estas tenham sido suas intenções (Riley 2005: 6).

27 Ver mapa da figura 1

28 O termo é mantido entre aspas, pois o próprio Lekson assume que estas delimitações podem e devem ser discutidas.

29 De modo geral, essa “fronteira” sul é não por acaso “definida” por Lekson de uma maneira “mais fluida e aberta”, pois não haveria feições geográficas marcantes nestes desertos que se estendem entre as fronteiras políticas dos atuais México e Estados Unidos. Riley (2005: 6) também admite que a fronteira ao sul é um tanto “confusa”. O autor também adota um território mais amplo para o Sudoeste, que engloba, em sua visão, além dos estados mencionados acima, parte de Nevada, Texas e Califórnia.

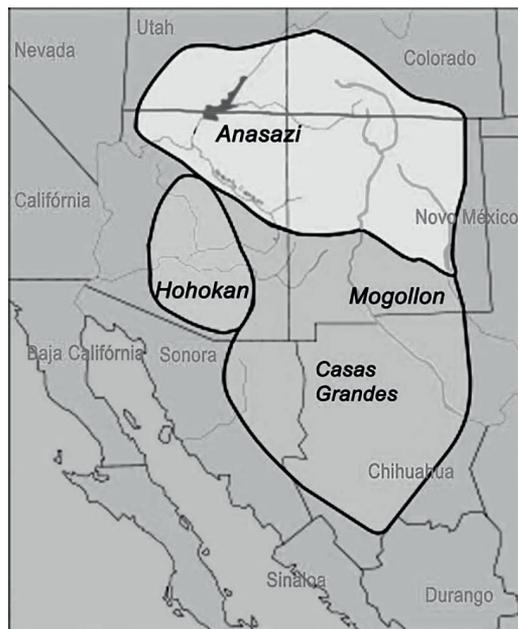


Fig. 2. Mapa com a localização aproximada na paisagem das “divisas” assumidas para o Sudoeste. Segundo Lekson, 2010. A esfera Casas Grandes localiza-se aproximadamente no local onde foi inserida sua denominação. Fonte do mapa base: Google Maps, 2014. Concepção artística da autora<sup>30</sup>.

30) Como comentado anteriormente, é comum o estabelecimento de “áreas menores”, ou “subáreas”, dentro das grandes “áreas culturais”. De modo geral, a região arqueológica do Sudoeste é subdividida pelas áreas Anasazi/ Pueblo Antigo, Hohokan e Mogollon. Essa divisão foi consagrada por Gladwin, na primeira metade do século XX, e estrutura a prática da arqueologia na região desde então (Lekson 2010: 77). Gladwin levou em conta, como no caso das grandes áreas culturais em geral, alguns “traços culturais” que supostamente fariam essas áreas diferentes umas das outras (embora mesmo estes sejam muitas vezes discutíveis (Bars Hering 2015)). Uma outra “divisão” utilizada para períodos posteriores, inclui a área “Casas Grandes”. “Exatamente onde Casas Grandes se encaixa nos esquemas classificatórios gerais do Sudoeste permanece ainda um problema. Arqueólogos mexicanos, como Carmén A. Robes e Eduardo Noguera acreditam que a região seja Pueblo, assim como os americanos Edwin B. Sayles e Harold S. Gladwin” (Riley 2005:118). Já Charles Di Peso (1974) considerava seu maior centro urbano, Paquimé, como um “entreposto” mesoamericano. Deve-se também estar atento ao fato de que a área de Casas Grandes era antes ocupada por assentamentos considerados “do tipo Mogollon”, com cerâmica também semelhante. Entretanto, Mogollon e Casas Grandes são tratados, pela grande maioria dos arqueólogos, como padrões arqueológicos diferentes. Acredita-se que estas subdivisões ainda serão muito debatidas. Crê-se ser necessária ainda a condução de mais estudos e análises nesse sentido.

tos e o comércio dentre os diferentes grupos do Sudoeste e das áreas vizinhas. Destacam-se, de qualquer modo, a Sierra Madre e o Rio Grande, como duas grandes vias de comunicação que favoreciam também o acesso às áreas tidas como “mesoamericanas”.

### Sobre as delimitações “culturais e intelectuais” para a região Sudoeste

*Nós fomos treinados para pensar que as sociedades nativas ao norte do México não poderiam ter sido grandes, complicadas, ou hierárquicas, porque nossos antepassados intelectuais acreditavam que estas sociedades eram “simples”- e ... “selvagens”! (Lekson 2010: 13, trad. nossa).*

*Os arqueólogos já rejeitaram em massa a ideia da invenção e da difusão como explicações adequadas para a mudança cultural, mas o conceito de área cultural ainda implica em um contexto de centro-periferia, no qual a periferia é tida como um padrão cultural mais fraco (McGuire 2011: 84, trad. nossa).*

A Guerra Mexicano-Americana (1846-1848), teve como resultado a anexação de territórios hoje pertencentes aos estados do Texas, Novo México, Arizona e Califórnia, pelo governo americano. Lekson se pergunta como seria escrita a arqueologia do Sudoeste, se tivesse sido feita pelos arqueólogos do Sul, caso o México tivesse vencido a guerra e ainda estes estados lhe pertencessem. Seria a região considerada como parte da Mesoamérica, então? (Lekson 2010: 31). Provavelmente sim. Lewis Morgan, um dos mais importantes expoentes da antropologia americana, considerava que todas as sociedades indígenas da América, estivessem elas na Mesoamérica ou mais ao norte, estavam muito abaixo do nível de “civilização”<sup>31</sup>. Seu racismo vitoriano o impedia de acreditar, sejam quais fossem os dados apresentados, que os indígenas teriam atingido o mesmo nível “civilizatório” dos europeus (Harris

31 Baseado em seus pressupostos evolucionistas de “selvageria, barbárie e civilização” (Morgan 1877).

1968: 137-140; Lekson 2010: 220). As ideias de Morgan prevaleceram nos Estados Unidos, mas no México, onde as “antigas civilizações” eram exaltadas patrioticamente, seu trabalho era ignorado ou rejeitado, como demonstram os trabalhos de Manuel Gamio, Alfonso Caso e Ignacio Bernal (Bernal 1980: 143-144; Miller 2006: 370; Lekson 2010: 220).

Se as sociedades mesoamericanas eram tidas pelos antropólogos seguidores de Morgan como “simples” (ou seja, não tão “complexas como Estados europeus”) e além de tudo quase que “incapazes” do ponto de vista evolutivo, as do Sudoeste eram consideradas ainda mais “simplórias”. Bandelier (um dos “pais” da arqueologia da região Sudoeste) trabalhou para que as sociedades do Sudoeste fossem vistas como desprovidas de estruturas hierárquicas, e inaptas a criar ou adotar inovações que as levariam para um maior desenvolvimento. “A ideia que podemos ter deste passado é muito modesta e despretensiosa (...) nenhuma onda de destruição em grande escala, provocada pelos humanos ou pela natureza, parece ter interrompido o vagaroso e tedioso desenvolvimento destes povos antes da chegada dos espanhóis” (Bandelier 1892: 592, *trad. nossa*). O Sudoeste era então considerado uma área “desinteressante”. Ainda mais desinteressante do que a Mesoamérica. A tendência “simplista” também ecoou na etnologia do início do século XX. Ruth Benedict (1934) e Ruth Bunzel (1929, 1932), por exemplo, favoreciam a ideia de que a atual situação social e política dos indígenas Pueblo modernos seria a mesma dos seus ancestrais, os quais portanto, teriam vivido em sociedades igualitárias. Pouco teria se modificado em seus modos de vida desde então.

Por outro lado, os estudiosos mexicanos seguiam enfatizando as “altas culturas” mesoamericanas, criando um contraste ainda maior no campo científico. Este contraste é comum ainda na atualidade. O pesquisador Aveni, por exemplo, acredita que

ainda que os dados arqueológicos e etnográficos sobre a prática da astronomia entre os grupos Pueblo norte-americanos nativos sejam relativamente escassos, esses

indicam, como de se esperar (...) que os grupos Pueblo (...) utilizaram modos menos complexos que seus vizinhos do Sul para expressar seu conhecimento do céu. Não possuíam nenhum sistema de escritura, nem de anotação elaborada que os ajudaria no desenvolvimento de uma astronomia científica. Não é de se surpreender, pois, que as culturas do noroeste do México e dos EUA nunca alcançaram a posição de Estado ou império a que chegaram as civilizações Maia e Asteca (Aveni 2005: 415, *trad. nossa*).

Em 1983, em sua importante obra, “Arte Asteca”, Pasztori generaliza os habitantes do norte da Mesoamérica, especificamente aqueles que habitavam as áreas desérticas (que um dia abrigaram centros como Paquimé), os descrevendo como “nômades vivendo em existência precária” que teriam “inveja” de seus vizinhos ao sul<sup>32</sup>. Mesmo pesquisadores americanos atuais, como Riley, que admitem e procuram compreender as relações da Mesoamérica com o Sudoeste, reforçam a ideia de que as sociedades mesoamericanas seriam, mesmo assim, ainda muito mais “desenvolvidas”. “Os efeitos do processualismo permanecem na recusa a enxergar os povos do Sudoeste e suas culturas como influenciadas significativamente pelas sociedades mesoamericanas maiores, mais antigas, e muito mais sofisticadas” (Riley 2005: 3, *trad. nossa*).

Antes de o processualismo ter se instaurado no pensamento arqueológico, em épocas permeadas pelo histórico culturalismo, alguns poucos arqueólogos como Di Peso, Kelley e Riley, chegaram a publicar suas teorias sobre as relações da Mesoamérica com o Sudoeste, favorecidas por migrações e “difusões” de artefatos e tecnologias. Esta linha de pensamento, entretanto, juntamente com a ideia de um Sudoeste “aberto a outras grandes áreas culturais” foi geralmente posta de

32 “Uma grande diferença entre as épocas Clássica e Pós-Clássica mesoamericanas vem das muitas ondas de invasões nômades das regiões do Norte que adentraram o vale durante o Pós-Clássico. A área desértica do México sempre foi habitada por caçadores-coletores vivendo em condições precárias e nômades, e eles devem ter olhado para seus vizinhos do Sul, ricos habitantes de cidades, com inveja” (Pasztori 1983: 43, *trad. nossa*).

lado pelo processualismo, abraçado com grande entusiasmo pela maior parte dos arqueólogos americanos (Riley 2005: 2-3).

Pode-se dizer que a arqueologia do Sudoeste, de modo geral foi no passado (e em grande parte ainda é) produto de seguidores das ideias de Lewis Binford, que as reinterpretaram de acordo com seus próprios posicionamentos teóricos (tais como por exemplo Cordell e Plog (1979), e Gummernan (1988), expoentes do pensamento processualista). Sob uma ótica por vezes bastante extrema, muitos dos arqueólogos do Sudoeste acostumaram-se a enfatizar processos relacionados a sociedades específicas, ou mesmo até a sítios específicos (tratados como laboratórios “desconectados” das interações regionais). Alguns dos estudos relativos à região Sudoeste suspeitam de que houvessem interações até mesmo entre as ditas sociedades Anasazi/ Pueblo Antigo, Hohokan, Mogollon e Casas Grandes (tais como LeBlanc 1986). O sítio de Paquimé, por exemplo, com seus inúmeros testemunhos arquitetônicos de interações profundas não somente com outras áreas do Sudoeste, mas também com a Mesoamérica<sup>33</sup>, é tratado por Whalen e Minnis (2003) como uma área que teria se desenvolvido independentemente, sendo que os elementos mesoamericanos lá encontrados são considerados apenas “empréstimos” que serviriam para garantir um certo status ao sistema ritual e a ideologia do poder político local<sup>34</sup>. De acordo com Lekson (2010: 249), os arqueólogos americanos que se dedicam a estudar a região Sudoeste, de modo geral, foram treinados para não dar crédito à capacidade das populações pretéritas de lidar com grandes escalas temporais e espaciais. Riley (2005: 2) chama esta tendência de “Sudoeste não contaminado”. Lekson (2010: 249) aponta

ainda para o fato de que até mesmo o reconhecimento de que as sociedades do Sudoeste pudessem compartilhar de alguns elementos em comum, não teria sido algo simples para a arqueologia americana (e de sob alguns pontos de vista ainda não o é).

Segundo Lekson, dois grandes conceitos impedem que seja feita hoje uma arqueologia do Sudoeste livre de pré-julgamentos: a “muralha” erguida em 1848 entre o Sudoeste dos EUA e o México, que torna os índios “mexicanos” ou “americanos”; e o ideal de Lewis Morgan, que ainda paira sobre a arqueologia. “Ambos são relíquias do pensamento racista e colonial do século XIX, e ambos têm que ir embora” (Lekson 2010: 225, *trad. nossa*). Além disso, Rojas (2005: 678), também alerta para o fato de que, até mesmo na atualidade, “muitos estudiosos dos EUA ignoram o trabalho relevante de mexicanos publicados em espanhol, e muitos mexicanos parecem desconhecer publicações de cunho importantíssimo publicadas em inglês. Além disso, muitos estudiosos em ambos esses países falham em citar nossos colegas europeus”.

Como resultado destas crenças separatistas, têm-se hoje ainda, na antropologia e na arqueologia americana (de forma velada ou de forma aberta), a compreensão dos centros urbanos e dos grupos humanos da região Sudoeste em geral como “intermediários”. Ou seja, não são “civilizações complexas”, de acordo com Morgan, ou “estados”, nos termos de Service (1962), Sahlins (1963) e Fried (1967). Tampouco podem ser classificadas como “bandos”, ou grupos de caçadores coletores. Chaco e Paquimé, grandes centros urbanos do Sudoeste, também não podem facilmente serem chamados de “tribos”. Portanto seriam “sociedades intermediárias”.

33 Vide Bars Hering, 2015, cujo tema do trabalho trata, de modo geral, das inúmeras relações, de múltiplas naturezas, entre o Sudoeste e a Mesoamérica

34 “Nosso propósito é alertar os arqueólogos para reconsiderar modelos baseados em origens distantes que há muito dominaram a literatura de Casas Grandes (...) nós não negamos a importância de contatos distantes e “empréstimos” de outros locais. Elementos mesoamericanos claramente eram parte essencial do sistema ritual e político da economia de prestígio que mantinha

o poder em Casas Grandes (...) entretanto, nós interpretamos estes elementos como ‘importações’, usadas para aumentar o poder político local” (Whalens e Minnis 2003: 328, *trad. nossa*).

35 Os “chiefdoms” (“chefaturas”) são classificadas como “sociedades redistributivas”. Entretanto a redistribuição pode ser característica de muitas sociedades na escala de “bandos” a “estatais”. As características gerais de uma “chefatura” podem ser muito diversas, o que faz com que seja difícil definir suas formas de governo e poderio político, além de suas estratificações sociais. É também

Algo que se assemelha ao que se convencionou denominar de “chiefdoms” (“chefaturas”), ou para os povos da América do sul e central, de “cacicados”<sup>35</sup>. Segundo Lekson,

o termo ‘intermediário’ é uma categoria inútil – inútil mas com consequências negativas. Para a arqueologia do Sudoeste, ‘intermediário’ significa que nós estamos absolvidos de pensar sobre Chaco e Paquimé como estados<sup>36</sup>, pois nós já sabemos que eles eram “intermediários”. Nós limitamos, a priori, o que eles poderiam ou não ter feito (Lekson 2010: 250, *trad. nossa*).

Em alguns estudos (tais como em McGuire 1995, e em Riley 2005) é comum que região Sudoeste como um todo seja considerada como “zona periférica” ou “marginal” da Mesoamérica, ou mesmo como uma região que teria sofrido forte “dominação ideológica” por parte das “altas culturas” mesoamericanas. Como comentado acima, para alguns autores, como Brotherston (1992), não haveria dúvidas quanto à inclusão do Sudoeste na área mesoamericana, devido às semelhanças encontradas na cosmovisão adotada por estes povos. Para outros, como McGuire, estas áreas seriam como “uma parte menor e muito distante do mundo mesoamericano” (McGuire 1995: 44, *trad. nossa*). Já Riley teoriza que a região Sudoeste poderia ser considerada um “apêndice dos estados civilizados da Mesoamérica”, mas somente após as mudanças drásticas ocorridas na região em cerca de 1200 d.C. e 1300 d.C. (Riley 2005: 12). De qualquer forma, ressalta-se que ainda hoje, a grande maioria dos “mapas” produzidos não incluem estas áreas dentre os limites da Mesoamérica, e desta forma, induzem a percepção das sociedades do Sudoeste como “marginais”.

muito difícil precisar a divisão entre ‘simples’ “chefaturas” e sociedades tribais mais ‘complexas’ nestes termos (Gamble 2008: 173).

36 O autor insiste em denominar certas sociedades como Paquimé e Chaco de “estados”, mesmo ciente da grande problemática em torno do termo, pois “os centros urbanos norte-americanos devem ser chamados de estados a fim de ocuparem o mesmo espaço intelectual que os centros do outro lado da fronteira do México” (Lekson 2010: 223, *trad. nossa*).

Outros pesquisadores como Anderson (1999), por exemplo, procuram compreender a origem de supostas “chefaturas” do Sudoeste (forma como o autor compreende o “estado evolutivo” ou “forma de governo” atingida por esses grupos) tendo não em mente a Mesoamérica, mas outras áreas dos EUA. Tais áreas, apesar de ainda “menos evoluídas” que a Mesoamérica, seriam um tanto “mais avançadas” do que as do Sudoeste. O autor entende que o surgimento do modelo de chefatura adotado no Sudoeste teria se dado, supostamente, primeiramente em Cahokia, no Médio Mississipi, sendo compreendido como uma “estratégia defensiva” adotada por esses grupos e/ou como produto da expansão do comércio e da competição entre grupos de áreas diferentes (Anderson 1999: 225-227). Já para Lekson, os líderes do Sudoeste teriam voltado sua atenção para a Mesoamérica a fim de legitimar suas hierarquias e estabelecer novos modelos de controle e de poder político, assim como teriam também se deixado influenciar pelos grandes centros do Médio Mississipi<sup>37</sup>. No caso da proposta de Lekson, essa compreensão não indica uma visão de grupos humanos que teriam sido passivamente influenciadas por outros de maior destaque, mas sim um contexto de interação macrorregional.

Sob a perspectiva de uma rede de interações “macrorregionais”, é necessário dizer também aqui que estudos comparativos entre grupos humanos de uma mesma grande região arqueológica, (ou “área cultural”), como a “Mesoamérica”, não são incomuns, e se tornaram ainda mais aceitos após a consolidação das linhas pós-processuais no cenário da construção do conhecimento em arqueologia. Um dos trabalhos mais importantes nesse sentido foi o realizado por Blanton e seus colaboradores (1993). Trigger (1989: 331)

37 Outros autores, como Nelson, também trabalharam anteriormente com noções semelhantes. “Estilos mesoamericanos e práticas sociais se espalharam em direção ao norte (...) a competência na realização de rituais mesoamericanos e em práticas de guerra podem ter dado a alguns imigrantes uma base de poder (...) nenhuma sociedade do Sudoeste parece ter sido dominada pela Mesoamérica, e ainda assim elementos mesoamericanos – incluindo genes e linguagens – aparecem aqui” (Nelson 2000: 318-329, *trad. nossa*).

acredita que os estudos de Blanton estejam entre os mais relevantes trabalhos que vieram a chamar a atenção para as interações macrorregionais. Seus estudos estabeleciam que arqueologia feita na Mesoamérica não deveria considerar o desenvolvimento de nenhuma sociedade em isolamento. Ainda segundo Trigger, eles também teriam servido como alertas para as fraquezas presentes em concepções neo-evolucionistas e processuais das décadas de 1960 e 1970. Tais concepções enfatizavam geralmente apenas o desenvolvimento das sociedades em relação a seu meio ambiente físico e suas respectivas inovações independentes, sem considerar que “não somente bens, mas pessoas, ideias, e até mesmo instituições inteiras podem se espalhar de uma sociedade para outra” (Trigger 1989: 332, *trad. nossa*). Muito poucos mesoamericanistas, entretanto, fizeram comparações levando em consideração a relevância regional e o papel da região Sudoeste (ou de outras regiões mais ao norte) para as áreas consideradas como Mesoamérica (Lekson 2010: 256). Existem, de qualquer modo, autores que procuraram desenvolver estudos mais amplos em relação a este contexto de interação. Os trabalhos de Wilcox (1986) e de Feinman, Nicholas e Upham (1996), por exemplo, podem ser citados como alguns dos mais relevantes neste sentido, além dos estudos conduzidos por Lekson (2010). Lekson parte de uma perspectiva ampla, que relaciona os acontecimentos históricos ocorridos na região Sudoeste com a trajetória das sociedades da Mesoamérica, além de outros grandes centros urbanos ao norte. “Sociedades humanas (...) existem apenas no contexto de outras sociedades. Histórias locais estão sempre envolvidas em narrativas muito maiores (...) nós devemos esperar interconexões entre nossas áreas culturais tão cuidadosamente construídas” (Lekson 2010: 8, *trad. nossa*).

Ainda neste contexto, também pode ser citada a pesquisa de Bars Hering (2015), cujo trabalho questiona as supostas “fronteiras culturais” existentes entre a Mesoamérica e o Sudoeste. Tal questionamento se dá por meio de estudos que envolveram aspectos ligados às representações simbólicas e à cosmovisão, relativas a diversas sociedades presumivelmente inseridas nessas “áreas culturais distintas”. A constatação da existência de uma grande

rede de transmissão de ideias entre a Mesoamérica e o Sudoeste, atesta, para a autora, um alto grau de interação social, e em muito dificulta, portanto, a delimitação de fronteiras geográficas e culturais arbitrárias (Bars Hering 2015:411).

Searcy (2010, p. 31) chegou a afirmar que a Mesoamérica era uma área que cobria inúmeras sociedades com costumes, crenças, e sistemas religiosos diferentes. Entretanto, para ele o uso da palavra “Mesoamérica” seria ainda válido no sentido de que engloba uma grande área na qual seria possível encontrar certo número finito de “símbolos” em comum. Se a proposta de Searcy fosse levada em consideração nesse caso (de que seria possível delimitar uma “região” apenas com base na presença de símbolos em comum), de acordo com Bars Hering (2015: 411), seríamos forçados a admitir que não existiram “fronteiras”, ou ao menos, não fronteiras tão claramente e facilmente demarcadas, entre a Mesoamérica e o Sudoeste.

### Considerações Finais

Como observado, a “área cultural Sudoeste” teve suas supostas “fronteiras”, estabelecidas sobre bases conceituais bastante controversas. Apesar da grande polêmica e da resistência de muitos em enxergar as interações macrorregionais em âmbitos “para fora dessa grande área cultural”, existem, por outro lado, estudos, tais como os aqui citados<sup>38</sup>, que apontam conexões e contatos entre o Sudoeste e a Mesoamérica. Algumas pesquisas colocam inclusive em debate a questão do que poderia ser considerado “puramente mesoamericano” ou “puramente do Sudoeste” (tais como Lekson (2010) e Bars Hering (2015). Já trabalhos como os de Bars Hering (2015), Crown (1994), Hays-Gilpin e Hill (1999), Lekson (2010, 1999), Mckusic (2001) e Schaafsma (2001), por exemplo,

38 Além dos estudos já citados anteriormente, destacam-se também os trabalhos de Beekman (2010), Crown (1994), Hays-Gilpin e Hill (1999), James (2000), Mathiowetz (2011), McKusic (2001), Reed, Wilson e Hays-Gilpin (2000), Schaafsma *et al* (2011), Schaafsma e Taube (2006), Van Pool *et al* (2006), entre outros.

atestam também evidências de contatos entre as ditas “subáreas” do Sudoeste. Por que então mantemos essas divisões territoriais/ culturais artificiais ainda hoje?

A importância do conceito de “área cultural” na antropologia americana da atualidade é expressa por Pauls como:

uma das lentes mais comuns através das quais cientistas sociais, e especialmente americanistas, enxergam seu trabalho. Ele continua a ser usado como uma ferramenta de ensino e como uma estrutura tipológica para ordenar o acervo de museus no século XXI, e se tornou tão imbuído na cultura popular que é também usada para organizar itens em exposição no varejo – variando de artes decorativas, à música ou a alimentos importados. Seus pressupostos fundamentais permanecem válidos, e a maior parte dos cientistas sociais se especializa apenas em uma ou mais áreas culturais (Pauls 2014: s/p, *trad. nossa*).

Já McGuire descreve a importância do conceito para a arqueologia contemporânea como uma “assombração que paira sobre a pesquisa”.

O conceito de área cultural afeta como nós postulamos nossas perguntas, como definimos as fronteiras de nossos estudos, que revistas lemos, com quais colegas falamos, a escola que devemos estudar, e uma dúzia de outros aspectos no âmbito da arqueologia, de modos sutis e complexos. Muitos arqueólogos acreditam que a ideia de área cultural é simplesmente uma relíquia que foi deixada de lado; uma perspectiva teórica rejeitada, que portanto não merece mais ser alvo de discussão na atualidade. Eles têm certa razão nessa opinião, pois o conceito de área cultural é claramente produto do particularismo histórico, e está imbuído de tudo o que envolve o termo. Entretanto, apesar de suas óbvias origens arcaicas, o conceito ainda sobrevive e está firmemente estabelecido no estudo arqueológico das Américas (McGuire 2011: 79, *trad. nossa*).

Em seu artigo, McGuire (2011) reforça a problemática da questão da área cultural como fator limitador da pesquisa arqueológica. O autor faz uma longa discussão sobre como o conceito força divisões no campo de trabalho, dificultando e por vezes impedindo, mesmo que de uma maneira sutil e passiva, o diálogo entre pesquisadores “especialistas” em áreas culturais diferentes. Segundo McGuire, tal fato se reflete também na organização de eventos, na formação de coleções em museus, e até mesmo nas técnicas e temáticas abordadas em campo e gabinete (sendo que grupos de especialistas em áreas culturais diferentes, ao longo do tempo, desenvolveram seu modo particular de trabalho e preferências de abordagem). O artigo em questão também levanta a problemática das divisões arbitrárias das áreas culturais, que em geral refletem muito mais uma necessidade acadêmica, do que uma realidade aceita pelos povos nativos.

É preciso ter em mente que estas nomenclaturas e “subdivisões”, baseadas em posicionamentos teóricos, necessidades acadêmicas e supostas evidências arqueológicas, mantidas por vezes por configurações políticas da atualidade, devem ser consideradas passíveis de reinterpretação. Os grupos humanos englobados por estes “conceitos”/ “áreas” não podem ser automaticamente encarados como supostamente “desconectados” ou “ideologicamente isolados” uns dos outros. Certamente essas “divisões territoriais” não correspondem à realidade vivida pelos mesmos, ou ao grau de interação que esses poderiam possuir. Como bem disse Carrasco, ironizando nossos tão bem preservados paradigmas,

nós trabalhamos duro tentando fazer com que os outros vejam as coisas de acordo com as ideias, que um dia recebemos, sobre como essas coisas deveriam funcionar - ou seja; nos “fixamos as lentes da disciplina” de modo que nós acabamos vendo apenas nossos próprios olhos com nossos olhos, e assim nos confundimos nosso próprio olhar com o que os olhos estão realmente vendo (...) nós insistimos em ver apenas reflexos do nosso próprio olhar, perspectiva ou disciplina (Carrasco 1997: 281, *trad. nossa*).

HENRING, C.B. *The intellectual construction of the “South West Region” (USA): a reflection on the use of the concept of “cultural area” as an ideological tool.* R. *Museu Arq. Etn.*, 25: 169-190, 2015.

**Abstract:** This article intends to discuss the intellectual establishment, in archaeology, of a concept that is today known as “The Southwest” – its alleged frontiers and its main characteristics, which would, presumably, define it and differentiate it from other regions - like Mesoamerica, for example. In order to better understand the background of such establishments, it was considered here important to investigate the construction of the “cultural area” concept, focusing on its relevance in American anthropology and archaeology since the beginnings of the XX century. Considering the establishment of the “frontiers” of the Southwest Region, it seems clear that its foundations were embedded by preconceived beliefs that, in general, understood the region as an “exclusion” of what was not Mesoamerica – or an area where supposed “intellectually inferior” humans groups had inhabited.

**Keywords:** Cultural Area; American Archaeology; Southwest Region

### Referências Bibliográficas

- Alba, G.J. 2000. Mesoamérica: un desarrollo teórico. México, INAH: *Dimensión Antropológica*, 19: 121-151
- Anderson, D.G. 1999. Examining Chiefdoms in the Southeast: An Application of Multiscalar Analysis. In: Neitzel, J.E. *Great Towns and Regional Polities in the Prehistoric American Southwest and Southeast.* Albuquerque: University of Mexico Press, p. 215-241.
- Aveni, A.F. 2005. *Observadores del Cielo en El México Antiguo.* México D.F.: Fondo de Cultura Económica.
- Bandelier, A.F. 1892. *Final Report of Investigations among the Indians of the Southwestern United States, Carried on Mainly in the Years from 1880 to 1885.* Cambridge: Archaeological Institute of America, American Series, v. 3-4.
- Bars Hering, C. 2015. *O Dilema das “Fronteiras” Geográficas e Culturais ao Norte da Mesoamérica.* Tese de doutorado. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, USP.
- Beekman, C. 2010. Recent Research in Western Mexican Archaeology. *Journal of Archaeological Research*, 18(1): 41-109.
- Benedict, R. 1934. *Patterns of Culture.* Boston: Houghton Mifflin,
- Bernal, I. 1980. *A History of Mexican Archaeology.* London: Thames and Hudson.
- Blanton, R. E.; Kowalewski, S. A; Feinman, G. M; Finsten, L. 1993. *Ancient Mesoamerica: A Comparison of Change in Three Regions.* Cambridge: Cambridge Univ. Press
- Brotherston, G. 1992. *Book of the Forth World: Reading the Native Americans through their Literature.* Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- Brotherston, G. 2012. *Papalo Poli: The Butterfly of Hermetic Design in Mesoamerica and*

- Pueblo Texts. In: Bonfiglioli, C.; Gutiérrez, A.; Hers, M.A.; Levin, D. (eds.). *Las vías del noroeste III. Genealogías, transversalidades y convergencias*. Mexico: UNAM, p. 233-279.
- Bunzel, R.L. 1929. *The Pueblo Potter: A Study of Creative Imagination in Primitive Art*. New York: Dover.
- Bunzel, R.L. 1932. *Introduction to Zuni Ceremonialism: Zuni origin myths; Zuni ritual pottery; Zuni katchinas: an analytical study*. Forty - Seventh Annual Report of the Bureau of American Ethnology for the Years 1929 - 1930: 467-1086.
- Carrasco, D.S. 1997. Gatherers and Wobbling Suns: Astral Symbolism in the Aztec Tradition. *History of Religions*, 26 (3): 279-294
- Cordell, L.; Plog, F. 1979. Escaping the Confines of Normative Thought: A Reevaluation of Puebloan Prehistory. *American Antiquity*, 44: 405-29
- Crown, P. 1994. *Ceramics and Ideology: Salado polychrome Pottery*. Albuquerque: University of New Mexico Press
- Di Peso, C. C. 1974. *Casas Grandes: A Fallen Trading Center of the Gran Chichimeca*. Dragon: American foundation, v. 1 a 8, (editado por Gloria Fenner).
- FAMSI. 2014. Disponível em: <http://www.famsi.org>. Acessos em: 20 de outubro de 2014.
- Feinman, G. M.; Nicholas, L. M.; Upham, S. 1996. A Macroregional Comparison of the American Southwest and Highland Mesoamerica in Pre - Columbian Times: Preliminary Thoughts and implications. In: Peregrine, P. N.; Feinman, G. M. (eds). *Pre-Columbian World Systems*. Madison: Prehistory Press, p. 65 - 76.
- Fried, M. H. 1967. *The evolution of political society: an essay in political anthropology*. New York: Random House.
- Gamble, C. 2008. *Archaeology: The Basics*. New York: Routledge.
- Gomes, D.M.C. 2002. *Cerâmica arqueológica da Amazônia: vasilhas da coleção Tapajônica MAE-USP*. São Paulo: Edusp.
- Gorenstein, S. 1996. Review of the Book *Arqueología del occidente de México*. *Latin American Antiquity*, 7 (1): 89-90.
- Gumerman, G. J. 1988. *The Anasazi in a Changing Environment*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Harris, M. 1968. *The Rise of Anthropological Theory*. New York: T.Y. Crowell.
- Haury, E. 1962. The Greater American Southwest. In: Braidwood, R. J.; Wiley, G. (eds). *Courses Toward Urban Life*. Viking Funding Publications in Anthropology, 32: 106-31.
- Hays - Gilpin, K. A.; Hill, J. H. 1999. The Flower World in Material Culture: An Iconographic Complex in the Southwest and Mesoamerica. *Journal of Anthropological Research*, 55(1): 1-37
- James, S. E. 2000. Some Aspects of the Aztec Religion in the Hopi Kachina Cult. *Journal of the Southwest*, 42(4): 897-926.
- Jennings, J. D. 1956. The American Southwest: A Problem in Cultural Isolation. *Memoirs of the Society for American Archaeology*, 11: 59 -127.
- Johnson, G. A. 1997. Alfonso Ortiz, 57, Anthropologist of the Pueblo, Dies. *The New York Times*, 31 de janeiro de 1997. Fonte disponível em: <http://www.nytimes.com/1997/01/31/us/alfonso-ortiz-57-anthropologist-of-the-pueblo-dies.html?pagewanted=1>. Acesso em: 26 de março de 2014.
- Kelley, C. J. 1971. Archaeology of the Northern Frontier, Zacatecas and Durango. In: Bernal

- e Ekholm (eds.). *Handbook of Middle American Indians*. vol XI, Parte 2. s/l: University of Texas, 768-801.
- Kirchhoff, P. 1943. *Mesoamerica: Its geographic limits, ethnic composition and cultural characteristics*. In: Sol Tax and the members of the Viking Fund Seminar on Middle American Ethnology. *Heritage of Conquest: The Ethnology of Middle America*. New York: Cooper Square Publishers, p. 17-30.
- Kirchhoff, P. 1954. Gatherers and Farmers in the Greater Southwest: A Problem in Classification. *American Anthropologist*, 56: 529-550
- Kirchhoff, P. 1960. Mesoamérica, sus límites geográficos, composición étnica y caracteres culturales. *Suplemento de Tlatoani*, 3:1-13
- Kroeber, A L. 1931. *Cultural and Natural Areas of Native North America*. Berkeley: The University of California Press.
- LeBlanc, S. A. 1986. Development of Archaeological Thought on the Mimbres Mogollon. In Reid; Doyel (eds.). *Emil W. Haury's Prehistory of the American Southwest*. Carbondale: Southern Illinois University Press, p. 179-209.
- Lekson, S. H. 1999. *The Chaco Meridian*. Walnut Creek: Altamira Press
- Lekson, S. H. 2010. *A History of the Ancient Southwest*. Santa Fe: SAR Press.
- López Aguilar, F. 2000. En la mirada del arqueólogo, una Mesoamérica ciega (entre mesoamericanistas te veas). México: INAH: *Dimensión Antropológica*, 19: 97-119.
- López-Austin, A.; López-Luján, L. 1999. *Mito y realidad de Zuyua*. México DF: El Colegio de México.
- MAINE FARMINGTON UNIVERSITY. 2011. *Mapa com as Subdivisões em “áreas culturais” da América do Norte*. Fonte disponível em: <http://faculty.umf.maine.edu/walter.sargent/public.www/web%20230/unit%201%20old%20worlds.html>. Acesso em: 26 de abril de 2011.
- Marcus, J. 1978. The Handbook of Middle American Indians – A Retrospective Look. *American Anthropologist*, 80 (1): 85-100.
- Mathiowetz, M. 2011. The Diurnal Path of the Sun: Ideology and Interregional Interaction in Ancient Northwest Mesoamerica and the American Southwest. Tese de doutorado. Riverside: University of California.
- Mcguire, R. H. 1995. The Greater Southwest as a Periphery of South America. In: Champion (ed.). *Centre and Periphery*. London: Routledge, p. 41-66.
- Mcguire, R. H. 2011. Mesoamérica, el noroeste de México y el suroeste de Estados Unidos. In: Williams, E. *et al* (eds.). *Mesoamérica: Debates y Perspectivas*. El Colegio De Michoacán, Zamora, p. 79-94.
- McKusic, C. R. 2001. *Southwestern Birds of Sacrifice*. Phoenix: Arizona Archaeological Society.
- Meighan, C. W. 1974. Prehistory of West Mexico. *Science*, 184:1254-1261.
- Miller, M. 2006. The Study of the Pre-Columbian World. In: Quilter, J.; Miller, M. (eds). *A Pre-Columbian World*. Washington Dc: Dumbarton Oaks.
- Morgan, L. H. 1877. *Ancient Society or Researches in the Lines of Human Progress from Savagery through Barbarism to Civilization*. London: MacMillan & Company.
- Moran, E. F. 1994. *Adaptabilidade Humana: uma Introdução à Antropologia Ecológica*. Vol. 10. São Paulo: EDUSP.
- Nelson, B. 2000. Aggregation, Warfare, and the Spread of the Mesoamerican Tradition. In:

- Hegmon, M. (ed). *The Archaeology of Regional Interaction: Religion, Warfare and Exchange across the American Southwest and beyond*. Boulder: University Press of Colorado, p. 317-337.
- Neill, C. 1998. *Intersocietal Interaction on the Northwest Mesoamerican Frontier*. Dissertação de mestrado. McMaster University.
- Pasztori, E. 1983. *Aztec Art*. Norman: University of Oklahoma Press.
- Pauls, E. P. 2014. Culture Area. In: *Encyclopedia Britannica. Encyclopedia Britannica on Line Academic Edition*. Disponível em: <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/146313/culture-area/274927/The-endurance-of-the-culture-area-approach>. Acesso em: 02 de março de 2014.
- Reed, E. K. 1964. The Greater Southwest. In: Jennings D.; Norbeck, E. (eds.) *Prehistoric Men in the New World* Chicago: University of Chicago Press, p. 175-191.
- Reed, L.S.; Kelley, C.W.; Hays-Gilpin, A. 2000. From Brown to Gray – The Origins of Ceramic Technology in the Northern Southwest. In: Reed, P. F. *Foundations of Anasazi Culture: The Basketmaker Pueblo Transition*. Salt Lake City: University of Utah Press, p. 203-220.
- Riley, C.L. 2005. *Becoming Aztlan: Mesoamerican Influences in the Greater Southwest, AD 1200-1500*. Salt Lake City: University of Utah Press.
- Rodriguez-García, I. 2000a. Mesoamérica, ese oscuro objeto del deseo. México, INAH: *Dimensión Antropológica*, 19: 47-63.
- Rodriguez-García, I. 2000b. Apresentação. México, INAH: *Dimensión Antropológica*, 19: 03-07.
- Rojas, J. L. 2005. Mesoamérica en el posclásico: el contexto imprescindible. *Historia Mexicana*, 54(3): 677-695
- Sahlins, M.D. 1963. Poor Man, Rich Man, Big-man, Chief: Political Types in Melanesia and Polynesia. *Comparative Studies in Society and History*, 5: 285-303.
- Searcy, M. T. 2010. *Symbols and Sociopolitical Organization: Mesoamerican Iconography in the U.S. Southwest/Northwest Mexico*. Tese de doutorado. University of Oklahoma.
- Service, E. R. 1962. *Primitive social organization: An evolutionary perspective*. New York: Random House.
- Schaafsma, P. 2001. Quetzalcoatl and the Horned and the Feathered Serpent of the Southwest. In: Taylor, V. Z.; Fields, V. *The Road to Aztlan – Art from the mythic homeland*. Los Angeles: Los Angeles County Museum of Art. p. 139-149.
- Schaafsma, P.; Krupp, E.; Milbrath, S.; Mathiowetz, M.; Hall, R. L. 2011. *White Paper: The Role of Venus in the Cosmologies of Mesoamerica, West Mexico, the American Southwest, and Southeast*. Working Papers of Santa Fe Institute: 1-36.
- Schaafsma, P.; Taube, K. A. 2006. Bringing the Rain: An Ideology of Rain-making in the Pueblo Southwest and Mesoamerica. In: Quilter, J.; Miller, M. (eds.). *A Pre-Columbian World, Washington*. D.C.: Dumbarton Oaks, p. 231-286.
- Searcy, M. T. 2010. *Symbols and Sociopolitical Organization: Mesoamerican Iconography in the U.S. Southwest/Northwest Mexico*. Tese de doutorado. University of Oklahoma.
- SMITHSONIAN INSTITUTE. 2015. *Handbook of the North American Indians*. Disponível em: <http://anthropology.si.edu/handbook.htm>. Acesso em: 24 de março de 2015
- Steward, J. (ed.). 1948. *Handbook of South American Indians*. Smithsonian Institute.

- Trigger, B. G. 1989. *A History of Archaeological Thought*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Van Pool, C. S.; Van Pool, T. L.; Phillips, A. 2006. The Horned serpent Tradition in the North American Southwest. In: Van Pool, C. S.; Van Pool, T. L.; Phillips, A. (eds.). *Religion of the Pre-Hispanic Southwest Archaeology or Religion Series*. AltaMira: Lanham, p. 17-28
- Vázquez Leon, L. 1996. *El Leviatan arqueológico. Antropología de una Tradición Científica en México*. Leiden, Centrum voor Niet-Westerse Studies, CNWS Publications, Rijksuniversiteit te Leiden.
- Whalen, M. E.; Minnis, P. E. 2003. The local and the Distant in the Origin of Casas Grandes, Chihuahua, México. *American Antiquity*, 68: 314-32
- Wilcox, D. R. 1986. The Tepiman Connection: A Model of Mesoamerican -Southwestern Interaction. In: Mathien et al. (eds). *Ripples in the Chichimec Sea*. Carbondale: Southern Illinois University Press, p. 135-54.
- Willey, G. R. 1966. *An Introduction to American Archaeology I*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall Inc.
- Williams, E. 2011. *Prehispanic West México: A Mesoamerican Culture Area*. FAMSI - Foundation for the Advancement of Mesoamerican Studies. Disponível em: <http://www.famsi.org/research/williams/>. Acesso em: 31 de agosto de 2011.
- Wissler, C. 1922. *Los indios de los Estados Unidos de América*. Buenos Aires: Paidós.
- Wissler, C. 1923. *Man and Culture*. New York: Thomas Y. Crowell Company.
- Wissler, C. 1927. The Culture-Area Concept in Social Anthropology. *American Journal of Sociology*, 32(6): 881- 891
- Woods, C. A. 1934. A Criticism of Wissler's North American Culture Areas. *American Anthropologist*, 36: 517-523.